

ESTAÇÃO FÉRREA DE SÃO BORJA: A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO PARA A MEMÓRIA DA CIDADE¹

Erick M Maciel²; Fernanda Rodrigues³; Humberto Varum⁴; Aníbal Costa⁵

Resumo: A Estação Férrea de São Borja, no Rio Grande do Sul, traz consigo grande legado histórico-cultural, além de ser representativa para o crescimento econômico e memória cultural da cidade. Acredita-se que a reabilitação e a preservação da Estação Férrea de São Borja contribuem para a salvaguarda da memória urbana. Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, demonstrou-se que a reabilitação da estação trouxe novos usos e certo nível de conscientização para a preservação do patrimônio ferroviário na cidade e a memória urbana.

Palavras-chave: Patrimônio ferroviário. Estação Férrea de São Borja. Memória cultural.

Abstract: The railway station of São Borja in the State of Rio Grande do Sul, brings with it a great historical-cultural legacy, besides being representative for the economic growth and cultural memory of the city. It is believed that the rehabilitation and preservation of the São Borja railway station contributes to the safeguarding of urban memory. Through a bibliographical and documentary research, it was demonstrated that the rehabilitation of the station brought new uses and a certain level of awareness for the preservation of the railway heritage in the city and the urban memory.

Key-words: Railway heritage. Railway station of São Borja. Cultural memory.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e do Euro-Latin America partnership in natural Risk mitigation and protection of the Cultural Heritage - ELARCH action 2 ERASMUS MUNDUS (EMA2).

² Doutorando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista do Euro-Latin America partnership in natural Risk mitigation and protection of the Cultural Heritage (ELARCH – ERASMUS MUNDUS) na Universidade de Aveiro, Portugal. Docente na Universidade Federal do Pampa, Brasil.

³ Doutora. Docente no Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, Portugal.

⁴ Doutor. Docente na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal.

⁵ Doutor. Docente no Departamento de Engenharia da Universidade de Aveiro, Portugal.

INTRODUÇÃO

Depois de sua Independência, o Brasil sofreu uma revolução socioeconômica. A partir da abertura econômica e do investimento estrangeiro estimulados pelo Governo Imperial no início do século XIX, emerge a ferrovia no país, com o fim não só de consolidar o território, como também atender às demandas de comercialização e distribuição da produção agrícola nacional. Com os incentivos ofertados ao investimento ferroviário, em especial através da Lei nº 101, de 31 de outubro de 1835, e da Lei nº 641, de 26 de junho de 1852, e a instalação das ferrovias em diversas cidades brasileiras, o comércio começa a se desenvolver pelos caminhos de ferro e nos entornos das estações.

A ferrovia trouxe consigo mudanças nas relações sociais, culturais, políticas, geográficas e econômicas, que estimularam o desenvolvimento e crescimento das cidades por onde passavam os trilhos, além de possibilitar maior fluxo de pessoas intercidades, “encurtando” as distâncias. Acresce-se a nova forma do transporte das mercadorias, deixam-se os animais usados pelos tropeiros, os quais realizavam precariamente o escoamento da produção, em prol dos caminhos de ferro, que aumentaram consideravelmente o trânsito de mercadorias pelo país.

No Estado do Rio Grande do Sul, a ferrovia teve papel preponderante na consolidação do território e do crescimento econômico de vários municípios, como o de São Borja, cuja estação férrea (Figura 1) conectou duas linhas de transporte. Desde 1913, com o prolongamento da linha Barra de Quaraí-Itaqui até São Borja, a estação tornou-se um centro de movimentação de mercadorias e pessoas, o que deu nova vida à cidade.

Figura 1: Estação Férrea de São Borja, em 1937, com vários militares ao seu redor.



Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br/rs_sborja/sborja.htm. Acesso em: 7 abr 2018.

Este elemento urbano, que é a Estação Férrea de São Borja, traz consigo grande legado histórico-cultural, além de ser representativo para o crescimento econômico e para a memória cultural da cidade. Memória que é “hoje evocada por múltiplos elementos materiais que testemunham, silenciosamente, o tempo em que o apito dos trens causava alvoroço por onde cruzava” (IPHAE, 2002, p. 13).

Este trabalho visa demonstrar que a reabilitação e a preservação da Estação Férrea de São Borja contribuem para a salvaguarda da memória cultural da cidade. Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, procurou-se analisar material bibliográfico e documental referente ao tema, como jornais, *sítes*, documentos oficiais, revistas, entrevistas, entre outros relativos ao estudo proposto.

Enfatiza-se a importância das estações férreas para o Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, no sentido de que a origem de diversos municípios gaúchos deveu-se à malha ferroviária no Estado, cujas estações foram marcos irradiadores do desenvolvimento, o que permitiu o surgimento de diversos povoados ao redor delas.

A estação férrea da cidade de São Borja possui grande potencial como equipamento público e de cultura, pela qual pode-se iniciar um processo de ressignificação do lugar para a comunidade local e reconectá-la ao restante da cidade. Sua reabilitação e sua preservação podem contribuir para a salvaguarda da memória da cidade.

Entender “o conceito de memória é crucial” (LE GOFF, 2003, p. 419), pois, segundo Ricoeur (2007), ela registra fatos ocorridos no tempo e ajuda na compreensão de suas relações no passado, no presente e no futuro. Completa Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. [...] a memória liga-se também à vida social. [...] A apreensão da memória depende deste modo de ambiente social e político [...] em suma, de certo modo de apropriação do tempo (2003, p. 419).

A partir do momento em que muitos compartilham das mesmas lembranças, a memória passa a ser coletiva, ou seja, “o que fica do passado, no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado [...] o individual se enraíza no social e no coletivo” (LE GOFF, 2003, p. 467).

Le Goff, Nora, Ricoeur e Halbwachs afirmam em seus trabalhos que a memória coletiva está ligada tanto aos comportamentos quanto às mentalidades, pois “nossas lembranças permanecem coletivas” (HALBWACHS, 2006, p. 30), já que “outras pessoas tiveram essas

lembranças comigo” (HALBWACHS, 2006, p. 31). Esta memória, juntamente com a memória individual, contribui para o resgate da memória urbana, a qual dá a identidade de um lugar.

Embora não sejam necessários testemunhos para se recordar algo do passado, o lugar pode ser um marco da memória coletiva e, conseqüentemente, da memória urbana, assim os restos do passado são perfeitos lugares de memória (RICOEUR, 2007; NORA, 1993). Diz Nora:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] monumentos [...] são os marcos testemunhais de outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos [...] (1993, p. 13).

Com isso, a apropriação pela sociedade de um bem cultural representativo na cidade e que tem grande valor cultural, histórico e arquitetônico, contribui tanto para a memória cultural, seja individual, seja coletiva, quanto para a identidade cultural do lugar. Este bem cultural torna-se um lugar de memória e legitima sua preservação. Como diz Ricoeur:

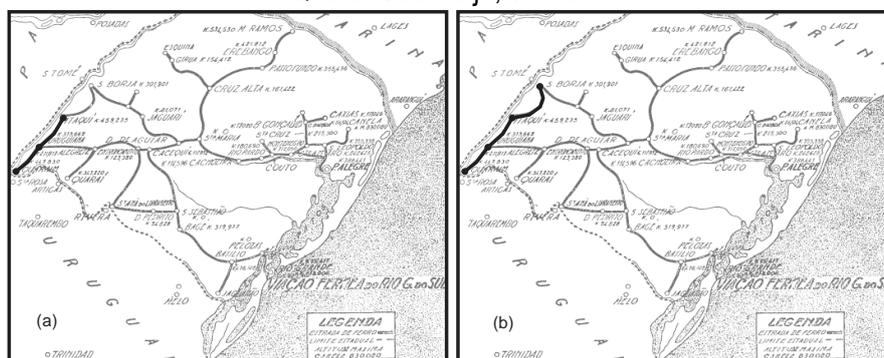
[...] as lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas [...] da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e a suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e fixações que fizeram a fortuna ulterior dessa expressão (2007, p. 157).

Estimular esse sentimento de pertencimento pela preservação da Estação Férrea de São Borja contribui para o fortalecimento e consolidação da memória ferroviária e, conseqüentemente, da memória urbana, pois “é hoje um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar. Busca-se com grande afã recuperá-la” através da “valorização do passado ou do que sobrou dele na paisagem ou nas instituições de memória” (ABREU, 1998, p. 80).

FERROVIAS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O principal fim para a expansão das ferrovias no Brasil a partir de meados do século XIX foi o fomento à exportação agropastoril, que incrementava a entrada de capital estrangeiro tanto pela comercialização em si dos produtos, quanto pelos investimentos externos em projetos de implantação de ferrovias.

Figura 4: Estradas de ferro do Rio Grande do Sul em 1950, destaque para a linha (a) Barra do Quaraí-Itaqui inaugurada em 1877-1888 e (b) prolongamento até São Borja, linha Barra do Quaraí-São Borja, em 1913.

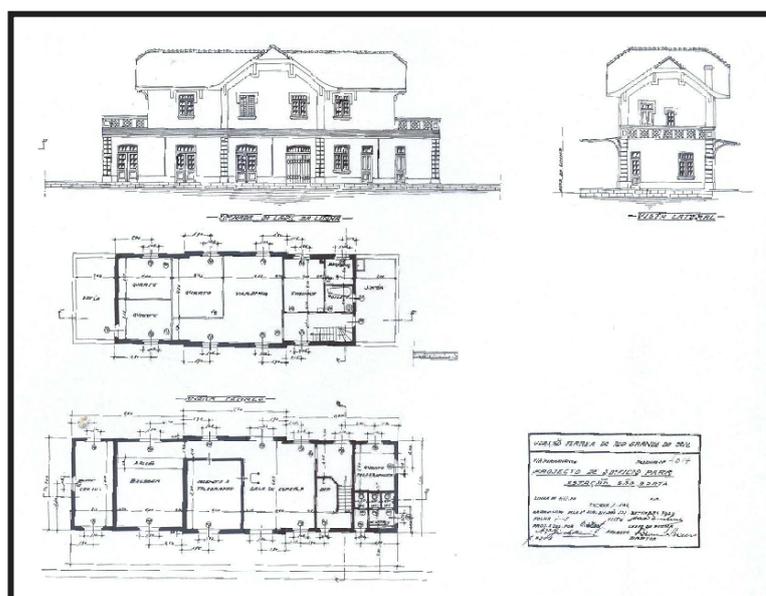


Fonte: Adaptação a partir de imagem de mapa do livro Centenário Ferroviário, 1954, p. 45.

Quando da inauguração da primeira Estação Férrea de São Borja, já havia começado um novo período das ferrovias no Brasil, quando se inicia a estatização de toda a malha ferroviária existente no país pela criada Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA). No caso do Estado do Rio Grande do Sul, a RFFSA transferiu toda a malha ferroviária do Estado para a então criada Viação Férrea do Estado do Rio Grande do Sul (VFRGS).

A ferrovia Barra do Quaraí-São Borja, em relação à estatização do Governo Federal, foi encampada em 1924 pela RFFSA e transferida para a VFRGS em 1933, já com a segunda estação construída em 1929 aos moldes do plano padrão da VFRGS, conforme a figura 5.

Figura 5: Projeto Padrão da VFRGS, Estação Férrea de São Borja.



Fonte: IPHAE, 2002, p. 37.

Passado o período áureo das ferrovias no Brasil, veio o declínio, a partir da década de 1950. O gradativo abandono do modal ferroviário ocasionou o fechamento de diversas estações férreas e a suspensão de operação de vários trechos e ramais de ferrovias pelo País, o que passou a representar uma ameaça não só ao legado arquitetônico das estações, mas também à memória cultural deixada pelas estradas de ferro e os lugares por onde elas passavam.

ESTAÇÃO FÉRREA DE SÃO BORJA: ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Localizada na cidade de São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, a Estação Férrea de São Borja (Figura 6), tombada em 2011 em âmbito municipal, teve duas fases de influência na cidade: uma, em 1913, ano da inauguração da primeira estação pela BGS, a qual foi construída em madeira aos moldes de outras construções da época; a segunda, em 1929, já sob a etapa de estatização das ferrovias, quando foi construído o novo prédio da estação aos moldes do plano padrão da VFRGS, o qual permanece até hoje.

Figura 6: Estação Férrea de São Borja em 1996.



Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br/rs_sborja/sborja.htm. Acesso em: 22 mar 2018.

Como patrimônio cultural, o prédio da Estação Férrea de São Borja carrega grande legado histórico, cultural e arquitetônico, o que mostra sua importância para o reconhecimento da

ferrovia como influenciadora das diversas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais promovidas nas cidades por onde passou.

A ferrovia para São Borja tornou a cidade mais dinâmica e ela se adaptou aos novos hábitos e costumes pela chegada do “progresso” e a diminuição das distâncias entre cidades, ampliando o intercâmbio cultural, na época. Com a conexão para Porto Alegre, em 1938, com o término das obras pelo 1º Batalhão Ferroviário do Exército Brasileiro, a Estação Férrea de São Borja torna-se um dos principais entroncamentos para a linha Porto Alegre-Uruguaiana, a agricultura e a pecuária tiveram seu maior crescimento no município, pois escoava-se a produção com maior facilidade e rapidez, a custos baixos para o período (Figura 7).

Figura 7: Comboios de carga na Estação Férrea de São Borja, data desconhecida.



Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br/rs_sborja/sborja.htm. Acesso em: 22 mar 2018.

A Estação Férrea de São Borja permitiu o tráfego de trens de passageiros a partir da cidade de Santa Maria até 1982, quando ocorreu a desativação da linha. Mesmo com o início da degradação e desvalorização das ferrovias pelo Brasil, a partir da década de 1960, a estação de São Borja permaneceu por mais duas décadas em pleno funcionamento, em seguida veio o abandono e seu esquecimento (Figura 8).

Figura 8: Estação Férrea de São Borja em 2002.



Fonte: IPHAE, 2002, p. 102.

Como se percebe na figura 8, em 2002 a estação férrea já apresentava sinais de abandono e degradação, pois a vegetação já dominava o seu entorno, o que podia acelerar o processo de deterioração do prédio. Entretanto, a família do funcionário remanescente da RFFSA, Enio Balestra, verificando o abandono das instalações pelo poder público, aproveitou-se do fato e ocupou a residência do agente ferroviário, que fica no andar superior da estação, em 2004, como afirma Giovano da Cruz Balestra, filho de Enio Balestra, em entrevista para o *site* Estações Ferroviárias do Brasil:

Moro junto de meus pais no prédio da estação de São Borja. Meu pai, Enio Antônio Balestra, trabalhava na RFFSA quando foi desativada a estação e por isso ficamos morando em seu prédio e o restauramos com nossos próprios recursos para conservar o patrimônio histórico e turístico que é, pois o poder executivo da cidade nada fez para mantê-lo conservado (Estações Ferroviárias do Brasil, 2004. Acesso em: 22/3/2018).

Embora as intenções da família Balestra tivessem sido boas, manter a memória ferroviária viva no âmbito da cidade, há indícios de que não houve o compartilhamento dos mesmos ideais pela comunidade são-borjense, mesmo por aqueles que trabalharam na extinta RFFSA, fato que comprometeu o resgate da memória urbana e a consolidação da estação férrea como lugar de memória, decorrente de seu valor histórico-cultural.

A Estação Férrea de São Borja já estava bem comprometida quando a família Balestra ocupou o espaço, o que pode ter dificultado a manutenção do imóvel por ela e colocado em risco

sua permanência no local, cuja saída do imóvel se deu em 2010. Constataram-se estes problemas pelo IPHAE em 2002, quando foi realizado o levantamento das características, tipologia e condições de preservação do bem cultural.

Em relação ao estado de conservação em 2002, a estação férrea ainda mantinha as características originais do Projeto Padrão da VFRGS, não sofrendo alterações na sua volumetria. A cobertura, porém, foi parcialmente alterada e os revestimentos, totalmente alterados, conforme é apresentado na ficha individual do bem cultural em questão (IPHAE, 2002).

Sobre sua tipologia, a estação férrea é uma estação de porte médio, projeto padrão da VFRGS nas décadas de 1930 e 1940, e que se caracteriza por coberturas muito inclinadas, múltiplas águas (direções do telhado), largos beirais (abas do telhado) e telhamento com telhas cerâmicas francesas. Construída em alvenaria com dois pavimentos, onde o piso superior era a residência do agente da estação, e suas marquises de concreto ao longo das fachadas principais. Os terraços das duas extremidades eram descobertos com guarda-corpo em alvenaria e gradis de ferro (IPHAE, 2002; FINGER, 2013).

Conforme o IPHAE (2002, p. 102), além da Estação Férrea de São Borja, outras 10 estações férreas no Estado foram construídas sob o mesmo projeto padrão da VFRGS, as quais possuíam a mesma tipologia construtiva, que são: Alegrete, Cacequi, Jaguari, Dom Pedrito, Jaguarão, Campo Bom, Canoas, Vila Siqueira, Santiago e São Luiz Gonzaga. A figura 9 apresenta a padronização construtiva das estações de São Borja (a), Canoas (b) e Jaguarão (c).

Figura 9: (a) Segunda Estação Férrea de São Borja (1929), que substituiu a primeira (1913) construída pela BGS, (b) Estação Férrea de Canoas (1934), que substituiu a construída em 1874 e (c) Estação Férrea de Jaguarão (1932).



Fonte: Finger, 2013.

Como se percebe, a preservação da Estação Férrea de São Borja como lugar de memória é fundamental para a disseminação da memória ferroviária e para a manutenção da memória

urbana, a qual depende da memória coletiva em relação ao bem cultural preservado. A atitude de preservar este lugar pode evitar sua degradação e esquecimento ao longo do tempo. Assim, a reabilitação da estação férrea é o caminho mais adequado para a sua reintegração ao cotidiano da cidade. Dizem Costa e Souza:

A reabilitação desses complexos pode gerar uma grande transformação nas cidades quando requalifica o entorno e o revaloriza, não apenas a memória do lugar e dos elementos que construíram a sua história, atraindo novamente o fluxo de pessoas e atividades e reintegrando-se novamente à dinâmica da cidade. Sua utilização pública é bastante recomendável, principalmente se isso significar a melhoria do potencial cultural e turístico da região (2015, p. 3).

Ou seja, a reabilitação permite dar outro significado ao lugar, bem cultural para a sociedade, e ligá-lo novamente ao cotidiano urbano, o que possibilita o resgate da história e da memória das entranhas de seus alicerces. Assim, ao tornar mais seguro e vívido este lugar de memória, que é a Estação Férrea de São Borja, é possível dar outros tipos de usos ao local e acesso à população.

Para este intento, desde a segunda metade da década de 2010, começaram as ações da Prefeitura de São Borja para a posse da estação férrea, o que exigiu diversos procedimentos administrativos para sua realização. Cita-se o Ofício nº 056/2006/SMECD, de 23 de fevereiro de 2006, no qual se ressalta a importância histórica e cultural, bem como seu valor arquitetônico, e indica o interesse da Prefeitura por sua reabilitação, resignificação e para lhe dar novos tipos de usos:

A Prefeitura Municipal de São Borja reconhece que a Estação Férrea de São Borja trata-se de um prédio representativo de uma época histórica do Rio Grande do Sul, com valor cultural e arquitetônico. A Estação de São Borja faz parte do projeto padrão da VFRGS nas décadas de 30 e 40, onde foram construídas mais de 10 estações idênticas em pontos diversos do Estado. O Prédio da Estação Férrea de São Borja está se deteriorando e nossa preocupação iminente é a conservação e manutenção deste prédio. Por se tratar de um local com potencial turístico, histórico e cultural, a Prefeitura Municipal de São Borja tem interesse em realizar projeto de utilização da estação, com a efetivação de museu e centro cultural no local (Prof.^a Ângela Costa, Secretária Municipal de Cultura, Educação e Desporto, Ofício nº 056/2006/SMECD, 2006).

No ano de 2010, a Prefeitura mostra o interesse na cessão de uso da antiga Estação Ferroviária de São Borja ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o qual através do Ofício nº 793/IPHAN-RS, de 26 de agosto de 2010, dá início ao processo, com o fim de preservar e disseminar a memória ferroviária na cidade e região. O IPHAN responde pelo

Ofício nº 277/2010/GAP, de 23 de novembro de 2010, e orienta sobre os procedimentos para a cessão da estação férrea para a Prefeitura.

Até a conclusão do processo de cessão da estação férrea, a Prefeitura continuou tomando as providências administrativas para a conservação e guarda deste bem cultural, tão representativo para a memória urbana. Assim, para efeito, promulgou o Decreto nº 12.521, de 19 de abril de 2010, que determina que o Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (SMECD) ficaria responsável por zelar, conservar e preservar o prédio da antiga Estação Férrea.

As ações da Prefeitura de São Borja culminam em 2011, quando foi criada a lei que tomba com vista à Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural do Município de São Borja o imóvel onde funcionava a estação férrea, através da Lei 4.464 de 28/11/2011. Entretanto, as ações para preservação do prédio da estação férrea continuam e é instituída por documento legal uma cooperação entre o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus Santiago, para a realização de levantamentos para possível elaboração de projetos de restauro, reforma, reabilitação, conservação e preservação.

Verificou-se, a partir da análise dos documentos fornecidos pela Prefeitura de São Borja sobre o caso em estudo, que os resultados da parceria com a URI foram satisfatórios, tanto que possibilitaram uma parceria com a Unidade do Exército Brasileiro, 2º Regimento de Cavalaria Mecanizada (2º RC Mec), em 2015, para a revitalização do prédio da estação. Realizaram-se a pintura interna e externa e a recuperação da cobertura, na qual foi feita a substituição de peças do telhado e das madeiras da estrutura e realizada a reconstrução dos painéis dos beirais deteriorados pelo tempo de abandono. Conforme a figura 10, a estação férrea encontrava-se em precário estado de conservação.

Figura 10: Nível avançado de degradação da Estação Férrea de São Borja, data desconhecida.



Fonte: <http://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/710/centro-cultural-de-sao-borja.html>. Acesso em: 20 mar 2018.

Paralelamente, foram feitas obras para a substituição da rede elétrica e hidráulica, extremamente comprometidas, e a limpeza da área do entorno da estação férrea, bem como a recuperação das aberturas em madeira internas e externas (Figura 11). Obras que renovaram a imagem da Estação Férrea junto à população local e que buscam recuperar a memória da cidade, trecho da história esquecido por muito tempo.

Figura 11: Reabilitação da Estação Férrea de São Borja, data desconhecida.



Fonte: <http://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/710/centro-cultural-de-sao-borja.html>. Acesso em: 20 mar 2018.

Com a inauguração da estação férrea, depois das obras de recuperação, instalou-se no local o Centro Cultural, uma organização sem fins lucrativos que promove a cultura, o Arquivo Municipal, a Banda de Música, que promove oficinas de música, além de grupos locais de artesanato. A reabilitação da estação trouxe nova vida ao lugar, tanto que a Prefeitura convergiu para ali a maioria das atividades culturais realizadas na cidade (Figura 12).

Figura 12: Entrega da Estação Férrea de São Borja, data desconhecida.



Fonte: <http://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/710/centro-cultural-de-sao-borja.html>. Acesso em: 20 mar 2018.

Como disse o arquiteto Diego Bicca, servidor da Prefeitura de São Borja, “cada vez mais esse prédio histórico da cidade está se transformando em uma estação cultural, com várias atividades sendo desenvolvidas”. Enfim, tudo o que foi feito é o começo de uma longa caminhada, pois a busca de parcerias na sociedade são-borjense é de suma importância para a continuidade do trabalho iniciado, bem como para a preservação da memória urbana, memória individual, memória coletiva e do lugar de memória que é a Estação Férrea de São Borja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a preservação do patrimônio ferroviário tanto em âmbito nacional, quanto local, como na cidade de São Borja, depende da participação efetiva da sociedade civil organizada para a proteção da memória ferroviária e, conseqüentemente, da memória da cidade.

Está bem nítido que a união de forças entre o poder público, sociedade e iniciativa privada torna mais fácil envidar esforços conjuntos para a preservação e conservação do lugar de memória, que se transformou a Estação Férrea de São Borja. Desta forma, sua reinserção ao cotidiano da cidade promove a sua ressignificação e possibilidade de novos usos para o patrimônio cultural, que é a estação férrea.

O deslocamento de atividades culturais distribuídas em vários locais pela cidade e de instituições de memória (museus, arquivos, bibliotecas, centro de documentação, centros de memória e cultura) para ocuparem as instalações da Estação Férrea de São Borja contribui não apenas para a consolidação da estação como lugar de memória, como também para a disseminação e preservação da memória ferroviária.

Observa-se que o Exército Brasileiro, através do Batalhão de Engenharia e do Batalhão Ferroviário, fez parte da história da Estação Férrea de São Borja, cuja participação é confirmada nas obras de reabilitação realizadas pelo 2º Regimento de Cavalaria Mecanizada (2º RC Mec) em parceria com a Prefeitura. Tal fato enfatiza a importância histórica e cultural da estação férrea.

Evidencia-se, enfim, que a preservação do patrimônio ferroviário – Estação Férrea de São Borja – representa o reconhecimento da história e da memória cultural e social da cidade de São Borja, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I, Série, v. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97.** Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em: 15 abr 2018.
- CARMO, Mônica Elisque. **Trilhos e memória: preservação do Patrimônio Ferroviário em Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Junho 2014. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MMMD-9RTMZM>. Acesso em: 27 abr 2018.
- COSTA, A. T.; SOUZA, M. A. **A ferrovia e a cidade: possibilidades de reabilitação do complexo ferroviário de Ubá-MG.** In: 4º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, MG, 25 a 27 nov. 2015. Disponível em: <www.forumpatrimonio.com.br/arqdoc2015/artigos/pdf/172.pdf>. Acesso em: 27 mar 2018.
- ESTAÇÕES ferroviárias do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_sborja/rs_sborja.htm>. Acesso em: 22 mar 2018.
- FINGER, Anna Elisa. **Um século de estradas de ferro: arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957.** Tese de Doutorado (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília. Novembro 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/15345>>. Acesso em: 28 mar 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio ferroviário. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/127>>. Acesso em: 6 mar 2018.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul. Patrimônio ferroviário no Rio Grande do Sul: inventário das estações 1874-1959. Porto Alegre: Pallotti, 2002. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=DownloadDetalhesAc&item=57600>>. Acesso em: 21 mar 2018.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. I Centenário das Ferrovias Brasileiras. Rio de Janeiro: IBGE, 1954. Disponível em: <<https://archive.org/details/centenarioferrovias1954>>. Acesso em: 22 mar 2018.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/851/showToc>>. Acesso em: 25 mar 2018.
- Prefeitura de São Borja. Lei nº 4464, de 28 de novembro de 2011. Tomba, com vistas à preservação do patrimônio histórico e cultural do município de São Borja o imóvel onde funcionava a Estação Férrea e dá outras providências. Poder Executivo, São Borja, RS, Brasil, 2011.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: UNICAMP, 2007.
- SÃO BORJA. Site do município de São Borja. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_sborja/sborja.htm>. Acesso em: 22 mar 2018.